

## Questão 1

Em relação ao meio técnico-científico-informacional, a contribuição de SANTOS (1996), na obra "A Natureza do Espaço", trouxe uma ampla discussão em relação a isso. O autor parte do meio natural, ainda não modificado pelo homem, até o meio técnico, onde já observamos as ações técnicas sobre a materialidade espacial. Quando ações e objetos técnicos passam a ser dotados de intencionalidade, a partir da informação necessária para seu funcionamento, estamos já falando de objetos técnicos que são científicos e informacionais e, conseqüentemente, falando de meio técnico-informacional. Esse mundo mais artificial inclui aglomerados urbanos e o meio rural, numa espécie de cientificação e tecnicização da paisagem. Isso se dá pela requalificação do espaço pelos atores hegemônicos nas esferas econômica, política e cultural. Essa requalificação espacial é dotada de fixidez (fixos como estados e pontos), rigidez (regras, padrões) e fluidez (fluxos financeiros e relações sociais), sendo essas três características interdependentes. Para que essas três características se tornem relevantes é necessário o conhecimento. Dentro do meio técnico-científico-informacional, o conhecimento se torna um recurso, onde porções do território mais instrumentalizadas oferecem maiores possibilidades de êxito frente às outras áreas menos instrumentalizadas. Essa produtividade espacial propiciada pelo conhecimento fará com que ocorra a "fuga dos lugares", onde a competitividade é ajudada pelas condições artificiais que uma determinada localidade oferece. Vale ressaltar que Santos (1996) disserta sobre a Tecnosfera e a Biosfera, que irão fazer parte dessa artificialização do espaço. A Tecnosfera seria o "reino" que se adaptaria aos mandamentos da produção e intercâmbio, enquanto a Biosfera forneceria regras à racionalidade. A existência destes dois ditos "reinos" permite refletir sobre o alargamento de contextos, onde Santos (1996) nos diz que ao passo que a divisão do trabalho se amplia, estando em mais lugares, ela também aumenta sua espessura, sua

complexidade. Mediante a isso, Santos (1996) resgata o conceito de regiões, mediante a diferenciação de lugares e coerência funcional dos mesmos. Por fim, para avançarmos sobre o meio-técnico-científico-informacional, precisamos resgatar ainda três aspectos. O primeiro deles diz respeito ao papel do Estado dentro deste meio, onde Santos (1996) ressalta que embora as empresas e firmas transnacionais tenham ganhado força, o Estado ainda é um agente forte, encorajando ou impedindo a ação global. O segundo aspecto fala sobre o reino da necessidade e da liberdade, onde o primeiro se trata de relações informacionais, enquanto o segundo se restringe a relações comunicacionais. O terceiro e último aspecto é a arena de oposições entre o mercado singularizante e a sociedade civil generalizante, envolvidas junto as verticalidades (dos atores hegemônicos, técnicos, geografia da produção) e horizontalidades (totalidade de atores e ações).

No conceito de território, dois autores terão suas contribuições contempladas: HASBAERT (2002) e SOUZA (2003).

Hasbaert (2002) traz na obra "Territórios Alternativos" uma coletânea de textos, onde parte deles discute sobre o conceito de território. Dentre as suas contribuições destacam-se principalmente as vertentes, que são a naturalista e a etnocêntrica. A naturalista traz um sentido físico ao território, sentido este inerente ao homem. Essa visão abrangente o aspecto afetivo. A vertente etnocêntrica trata o território como uma construção social, e o define como domínio material sobre um espaço mediante poder. Hasbaert (2002) tem uma preocupação com o dinamismo do território, partindo de características como as relações desiguais de força no controle do espaço, além de fatores econômicos e sociais. Em resumo, o autor propõe que pensemos no binômio Território-Rede, onde o dinamismo das redes através de seus fluxos preenchem a lacuna da rigidez

do território. Por fim, uma ideia cara ao autor é a de desterritorialização. Harberst cita cinco formas de desterritorialização: 1- Econômica; 2- Cartográfica; 3- Diminuição da materialidade; 4- Enraizamento de fronteiras; 5- Culturalista. Para o autor, os cinco processos são concomitantes, e ainda está ocorrendo desterritorialização em uma escala, está ocorrendo uma reterritorialização em outra.

Outro autor que traz sua contribuição para o conceito de território é Souza (2013). Aqui, trataremos de um capítulo de sua obra "Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial". Souza (2013) afirma que o território, enquanto um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, é sua primeira aproximação. O autor faz uma rápida pausa para discutir a respeito de poder, trazendo a autora Hannah Arendt, por exemplo, que define poder como a capacidade de pessoas de agirem em uníssono, em comum acordo, sem violência. Depois da discussão sobre poder, Souza (2013) tem uma crítica ao que chama de "confusão do território" que nada mais é do que uma confusão entre o conceito de território com o substrato espacial material. O autor tenta para a necessidade de flexibilizar o conceito, trazendo a discussão simbólica para análise. Partindo disso, o autor traz um exemplo de territorialização (trabalho urbano que usa o espaço como afirmação de uma identidade) e desterritorialização (América do Sul, que sofreu implicações em seu modo de vida). Por fim, Souza (2013) traz uma abordagem escalonada ao território. Começamos pelo macroterritório, envolvendo o micropoder e microfunção do poder, abrangendo uma rua, prédio ou arquibancada de futebol. Os territórios cíclicos, que possuem diferentes usos em diferentes momentos e a reestruturação espacial, onde políticas e decisões em uma malha territorial e condicionam mudanças no desenvolvimento social.

## Questão 2

Uma das características do meio técnico-científico-informacional que nos permite identificar influência na emergência de novas territorialidades é a tríade fixidez-rigidez-fluidez. Seguindo Santos (1996), entendemos fixidez como a construção de fixos (como estradas, por exemplo), rigidez como o conjunto de criações de fixos e as normas que irão reger seu funcionamento, e fluidez como os fluxos das mais variadas formas (de pessoas, financeiros). Essa tríade colabora com a formação de blocos econômicos que será nosso principal exemplo de nova territorialidade a partir do meio técnico-científico-informacional. Ora, para a formação de um bloco econômico, são feitas exigências aos países que irão integrá-los, há a vista que eles territorializem seus parcerias econômicas, dando preferência a quem faz parte do bloco. Dentro do prosseguimento para a formação do bloco, se fazem necessárias intervenções (verticalidades) para que os países permitam o funcionamento da tríade que citamos no início da questão. Essas mudanças não implicam em uma reterritorialização de seus espaços, ao passo que estarão desterritorializando-os, visando fazer parte da territorialização de fazer parte de um bloco econômico.

Para um segundo exemplo, opto por uma escala diferente, a dos nanoterritórios de Souza (2013). Dentro do meio técnico-científico-informacional, o acesso e a fluidez de informações é de grandes proporções. Isso faz com que grupos de tribos urbanas utilizem ferramentas para marcar encontros em locais onde irão afirmar sua subcultura e de certa forma, se territorializar. Um exemplo bom para ilustrar isso são os torcedores de times de futebol, cujo principal objetivo é, simplesmente, brigar. Esses grupos de torcedores possuem um código de conduta em relação as brigas, como não portar

armas de qualquer tipo, não bratar no torcedor que está na chã e realiza, segundo palavras destes torcedores, uma luta "limpa e sadia". Através de comunicações pela internet, uma das ferramentas do meio técnico-científico-informacional, eles marcam suas brigas e instituem seu novo território, por vezes, também cíclicos (Sampaio, 2013), haja vista que durante a briga, as ruas azuis e carmeses foi marca de intimidando a cidadões comuns que, geralmente, associa a prática a barbárie.

### Questão 3

Para responder a questão, opta-se por três frentes: 1- Regualificação dos espaços; 2- Produtividade espacial e guerra dos lugares e, 3- O papel do Estado.

Quando falamos em regualificação dos espaços, estamos com Santos (1996) que considera os atores hegemônicos nas esferas econômica, cultural e política como responsáveis para tal. Como será tratado aqui mais tarde sobre o papel do Estado, deixamos temporariamente a esfera política de lado. Se pensarmos na questão econômica e cultural, o Estado de São Paulo fica em evidência. Lidando com folga na geração de riquezas do Brasil, o Estado de São Paulo concentra oportunidades de estudo, emprego e até de atividades culturais. As condições artificiais do meio técnico-científico-informacional que permitem grande competitividade para atrair fluxos estão abundantes em São Paulo. Aparentando que falamos em competitividade, fiquemos o gancho e vamos agora sobre a guerra dos lugares. Considerando o conflito como processo, indispensável a fluidez do meio técnico-científico-informacional, podemos esperar a desigualdade de mesmo pela oferta de cursos técnicos e superiores pelo território nacional. Na região Sudeste, por exemplo, há uma ampla oferta de vagas em uni-

versidade e escolas técnicas, que implicaria em uma população mais qualificada e adaptada às condições de meio técnico-científico-informacional, que irá dar preferência de investimentos em locais de mão-de-obra qualificada. Porém, os dois aspectos já trabalhados aqui não bastam. Por isso, encorajamos com o papel do Estado. Conforme relatado por Santos (1996), o Estado funciona como encorajador ou inibidor da integração global. No caso brasileiro, concordamos com (Delours e Bragança (2017), dizendo que o Brasil estaria mais para o "inibidor". Conforme relatado pelo autor em "Por que o Brasil é um país atrasado?", existem pouquíssimos incentivos à livre iniciativa, o que permite um corporativismo entre poucas empresas e o Estado, chamado por ele de "oligarquias econômicas". Com um Estado interventor, a descentralização do meio técnico-científico-informacional é enfraquecida, correlacionada com a desigualdade socioambiental de nosso território.